



## AMAZÔNIA – UM RELATO DE SUA (DES)CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL

---

Eliana Freire Bitar<sup>1</sup> ([ebitar@niltonlins.br](mailto:ebitar@niltonlins.br))

Centro Universitário Nilton Lins – Manaus – AM

<sup>1</sup>Cientista Social formada pela Universidade Federal do Amazonas, tem especialização em Psicologia Social e mestrado em Psicologia Social e das Organizações pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal), é professora de Sociologia e Antropologia da graduação no Centro Universitário Nilton Lins em Manaus. Brasil.

---

### RESUMO

A construção da identidade sociocultural da Amazônia vem se formando ao longo da história, especialmente após a chegada dos europeus. Muitos teóricos e pensadores clássicos e contemporâneos buscam, num processo de construção do pensamento social, contar essa trajetória. Por se tratar de uma área geográfica imensa e com características singulares, faz-se necessário inserir a região Amazônica no contexto do pensamento social brasileiro, visto que diversas regionalidades nela se concentraram e são essenciais para formar a cultura amazônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade – Amazônia – Cultura

### AMAZONIA – A REPORT OF ITS SOCIOCULTURAL (DES)CONSTRUCTION

#### ABSTRACT

The construction of sociocultural identity of the Amazon has been forming throughout history, especially after the arrival of europeans. Many theorists and thinkers are seeking both classic and contemporary, in a process of social construction of thought, after this course. Because it is an immense region and unique features, it is necessary to enter the Amazon region in the context of brazilian social thought, since it focused various regional and were instrumental in forming the amazonian culture.

**KEYWORDS:** Identity - Amazon - Culture

#### INTRODUÇÃO

Segundo BATISTA (2002) o primeiro esforço cultural na região da Amazônia se iniciou com os missionários, durante o processo de aldeamento dos gentios e sua incorporação à civilização do modelo europeu. A Cabanagem, marcada por reivindicações sociais, foi caracterizada como sendo um marco isolado na história

amazônica, sendo também reconhecida como um importante componente sociocultural na formação da identidade deste povo.

Para REIS (1966) o período da exploração da borracha na Amazônia teve relevante papel na mudança cultural da região. De acordo com ele,

*durante 35 anos consecutivos aquelas falanges de flagelados famintos, doentes e desesperados, lançaram-se no “inferno verde” da Amazônia, que desconheciam totalmente, numa migração desordenada, “dolorosa e anárquica”. Na verdade, um verdadeiro êxodo, forçado mais pela fome e pela sede do que pela ambição de uma riqueza que se afigurava fácil.*

Lá ficaram os nordestinos, submetidos ao trabalho escravo nos seringais, tornando-se responsáveis por boa parte da formação desta cultura. Assim, o processo de construção cultural da Amazônia se deu pela miscigenação entre o caboclo, o mestiço imigrado, o branco, o negro, o mulato, o índio, o zambo-cafuz e o curiboca (BATISTA, 2002).

ARTHUR REIS (1966), considerado um dos maiores historiadores e pensadores sobre os problemas da Amazônia, buscou compreender essa região em seus vários aspectos: político, econômico, social e cultural. Para FREYRE (1964) o estudioso foi um “*especialista já antigo no estudo não só histórico-econômico como histórico-social de uma das mais importantes regiões não apenas brasileira como lusotropical: a Amazônica*”.

Em *O homem e a natureza na Amazônia*, REIS (1966) descreveu que os povos amazônicos já possuíam demorada vivência e convivência com o meio físico e utilizavam-no a seu modo, intensamente, sem hesitações, identificando-o e dele fazendo os instrumentos de sua presença e das culturas que constituíam e os definiam. Para essa sociedade, as técnicas desenvolvidas na pesca, agricultura e contatos com a floresta são o que distingue os povos amazônicos de qualquer outro.

Para o autor:

*o homem não é um elemento paisagístico acrescido à paisagem, uma sorte de acessório destinado a adorná-la ou completá-la, o que o levaria a constituir apenas ‘uma expressão decorativa’, mas o fator geográfico por excelência e isso tanto pelas suas atividades como pela sua própria condição, tanto pelo que realiza como pelo que mostrou que é. Para definir a região não era possível desatender à presença do homem nas suas funções de ser político, econômico, cultural. As fronteiras que se quisesse atribuir à Amazônia para ajustá-la a este ou aquele quadro e defini-la dentro de tal quadro, não podiam ser fronteiras que a ignorassem na unidade cultural que representa (REIS, 1966).*

Considerado por BATISTA (2002) como um “*revelador da Amazônia*”, Euclides da Cunha foi, segundo ele, quem traçou diretrizes seguras para os estudos amazônicos, visto que acreditava que antes dele, essa terra e sua história era conhecida de forma fragmentada.

Segundo RAMON (2005) nos tempos de Euclides da Cunha, a questão da integração territorial era um tema importante para os que se preocupavam com os destinos da recém proclamada República. O país saía do regime imperial em 1889, período em que se formulavam opiniões acerca da construção da nacionalidade. Euclides da Cunha acreditava no progresso e que sua formação em engenharia seria útil para o momento de desenvolvimento nacional que vislumbrava para o Brasil.

A esse respeito, GILBERTO FREYRE (1964) considera *Os Ensaio sobre Amazônia* de Euclides da Cunha, presentes em *Contrastes e Confrontos e À Margem da História* uma obra de “quem se aproximou de temas brasileiros com espírito científico e com preparação técnica [...]”, proporcionando um conhecimento profundo sobre as questões históricas da região.

Inicialmente, EUCLIDES DA CUNHA (2003) escreveu sobre a Amazônia sem conhecê-la. Sua primeira impressão ‘foi de desapontamento’, pois sua construção imaginária era aquela formada pelos europeus, alheia à realidade cultural e sócio-histórica da região. Depois, preocupou-se em relatar “os primeiros tempos da formação social da Amazônia” BATISTA (2002), especialmente sobre o nordestino que veio trabalhar com a borracha.

Ao conhecer a Amazônia, se encantou: pesquisou, com a maior atenção, as cabeceiras do rio Amazonas, seu povoamento (da foz às nascentes); suas condições de navegabilidade; seus varadouros; a flora e as condições de trabalho e vida nos seus seringais.

A realidade do homem amazônico, a situação social na qual se encontravam “o homem escravizado pelo rio, iludido pelo progresso e riqueza prometidos pela borracha” CUNHA (2003), proporcionou ao escritor uma visão diferenciada, descrita no ensaio *Entre os seringais* publicado na revista *Kosmos* em 1906, ocasião em que escreveu um dos mais radicais textos de denúncia do trabalho alienado dos seringueiros.

Só partindo do binômio natureza-cultura é que se poderia delinear a forma que, para EUCLIDES DA CUNHA (2003), era a vida social na floresta, especificamente no seringal. Foi nessa natureza, ainda incompleta e em expansão, que o homem encontrou um poderoso adversário, e o embate com esse ambiente o aproxima do mundo animal, distanciando-o da civilização.

Em *À Margem da História* afirmou que “se o sertanejo é antes de tudo um forte, o seringueiro é um tipo de lutador excepcional. Devido, porém, ao egoísmo desenfreado dos patrões opulentos, o homem ali trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 1909).

## **AS VÁRIAS “AMAZÔNIAS” – AS VÁRIAS VISÕES**

A Amazônia, com sua natureza exuberante e, ao mesmo tempo, frágil, acolheu uma grande diversidade de povos ao longo da história, no interior de suas matas e na beira dos rios. Depois da Conquista, em 1500, estes povos passaram a ser chamados, genericamente, de indígenas (BATISTA, 2002).

O principal sujeito da formação cultural e social amazônica foi o indígena, que no decorrer do processo de invasão estrangeira teve que adaptar-se e assimilar valores, instituições, técnicas, entre outros, dos portugueses, espanhóis, imigrantes nordestinos e de outras regiões do Brasil, BATISTA (2002). O contato entre esses grupos causou a perda de sua identidade original, criando novas formas de vida e de trabalho.

Para ANDRADE (1983), a posse da Amazônia pelos europeus se deu no decorrer dos séculos XVII e XVIII, sob um intenso processo de luta e disputa entre portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses, sendo que os três últimos se concentraram nos limites das Guianas.

Em sua obra *Amazônia – a esfinge do III milênio*, MOACIR ANDRADE (1983) explica que:

*o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a sua organização social e um sistema de conhecimentos práticos e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes responsáveis pela forma de economia de mercado (...) que desenvolveram o homem e a sociedade.*

Segundo ARTHUR REIS (1966), os grupos indígenas da Amazônia eram diferentes entre si. Tiveram suas culturas representadas naquilo que eles exteriorizavam como maneira de viver, no uso que eles faziam do meio geográfico, da natureza. Sua contribuição no processo de modificação das condições existenciais da região a partir do contato português, num processo intenso de transculturação em todos os aspectos, foi indiscutível.

Para o historiador:

*os índios da Amazônia possuem uma história que não os diminui aos nossos olhos, ao contrário, dignifica (...) pelo que padeceram, pelo que proporcionaram na formação regional desde a contribuição étnica à econômica, pelo que puderam realizar como demonstração de resistência, de heroísmo, pondo por terra a conclusão apressada de que não expressavam senão inferioridade, passividade, incapacidade para a ascensão na vida.*

De acordo com REIS (1966) as invasões estrangeiras, a vinda dos nordestinos, o processo de perda cultural à qual os gentios foram submetidos, a exploração da terra e todas as outras formas de apropriação e submissão a que foi exposta a região e o homem amazônico, explicam a modificação de sua identidade.

Para PINTO (2005) o pensar sobre a Amazônia foi feito de forma limitada e concentrada nas áreas da história natural, da geografia e da antropologia. Segundo ele, na construção do pensamento sobre a Amazônia, diversos autores utilizaram a tese aristotélica de que os povos derrotados em guerras obrigatoriamente seriam escravos, da mesma forma que existem povos que considerados inferiores, teriam que se tornar escravos, o que reporta à superioridade branca dos europeus em relação aos indígenas, negros e mestiços.

Conforme PINTO (2005) é a partir das idéias e valores que nós mesmos nos identificamos como brasileiros ou de qualquer outra nacionalidade, que vem sendo utilizada para *“explicar e decifrar a condição cultural do Novo Mundo e da Amazônia e que terminaram por se constituir em aspectos de evidente relevância para a construção da história do pensamento social moderno”*.

A Amazônia, como espaço geográfico singular, sempre esteve presente na construção do pensamento ocidental. Apesar de em alguns casos não ser o tema central das reflexões, algumas questões têm sido utilizadas para descrevê-la, pensá-la e interpretá-la. Por outro lado, os autores que pensam diretamente a região *“terminaram por trazer alguma forma de contribuição para uma compreensão mais aceitável da história das idéias sociais no Brasil”* (PINTO, 2005).

Para SKIDMORE (1976); VENTURA (1990); SCHWARCZ (1993) as últimas décadas de 1800 consistiram em períodos importantes no processo de renovação intelectual no Brasil, influenciados principalmente por correntes de pensamento tais como, o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo social, o naturalismo. Neste

período surge a chamada “Geração 70”, intelectuais preocupados com os caminhos da nacionalidade brasileira e principalmente, com a questão da mestiçagem.

O cruzamento das raças na formação da sociedade brasileira tornou-se objeto de estudos e investigações científicas, especialmente após a escravidão. *“Muitos intelectuais brasileiros buscaram no suposto problema da mestiçagem, por meio da teoria do branqueamento, uma solução para a superação do problema do atraso do país”* (SKIDMORE, 1976; VENTURA, 1990; SCHWARCZ, 1993).

A discussão acerca da construção do pensamento social brasileiro neste período buscou também outros paradigmas. Em *A América Latina – males da origem*, BOMFIM (1905) procurou demonstrar que a questão do atraso brasileiro seria decorrente de fatores históricos que se explicariam à luz das leis e categorias biológicas e não pelo racismo científico.

Em *Cenas da Vida Amazônica*, primeiro livro de contos amazônicos que se tem notícia, foi descrita a situação sociocultural brasileira e, particularmente, da região amazônica, onde a predominância da população mestiça poderia possibilitar seu processo de branqueamento, pois *“cada novo cruzamento aproxima o mameluco, o filho do branco e do índio da raça branca”* (VERÍSSIMO 1886 APUD BEZERRA NETO 1999).

VERÍSSIMO (1886) apud BEZERRA NETO (1999) escreveu relevantes obras etnográficas sobre a Amazônia. Fez posicionamentos políticos, defendendo a imigração e o povoamento da região como possibilidade para superar seu fraco desenvolvimento social e econômico, ao mesmo tempo em que justificava a exploração racional do látex como alternativa para a retomada dos preços da borracha no mercado internacional.

O autor acima afirmava que havia forte presença do elemento indígena associado ao branco colonizador, em detrimento do pouco número de negros na Amazônia, o que para ele era considerado positivo, haja vista que o escritor concebia os negros como inferiores aos índios, à medida que estes se encontravam mais próximos da raça branca.

Segundo BEZERRA NETO (1999) para VERÍSSIMO (1886), a influência do meio social forjada na Amazônia durante o processo de colonização portuguesa, possibilitou que os filhos de índios nascidos nessa nova situação, fossem muitas vezes forçados a *“assimilar costumes, crenças, idéias, língua, tudo, enfim, inteiramente diversos dos seus, formando os tapuios”* VERÍSSIMO (1886 APUD BEZERRA NETO 1999). O autor entendia que estes não eram mais índios, embora não tivessem alcançado um lugar na sociedade civilizada, encontrando-se em situação marginal, sendo inclusive desprezados pelos mamelucos.

Para DARCY RIBEIRO (1995) a compreensão do modo de vida das populações amazônicas e de seus problemas só seria possível com a descoberta histórica das principais forças sociais responsáveis por esse quadro, que se inicia com a ocupação da região pelos portugueses, com a vinda dos missionários, da escravidão e da exploração da mão-de-obra indígena, as drogas do sertão e a exploração da borracha.

Todo o processo de exploração e domínio indígena realizados na região resultou no surgimento de uma nova população *“herdeira da cultura tribal no que ela tinha de fórmula adaptativa à floresta tropical, permitindo a sobrevivência dos colonizadores na Amazônia, pois eram seus olhos, suas mãos e seus pés”* (RIBEIRO, 1995).

Segundo RIBEIRO (1995) no decorrer de cinco séculos se originou e multiplicou uma população de gente destribalizadas, deculturadas e mestiçadas, frutos da invasão européia (...). No curso de um processo de transfiguração étnica, os índios amazônicos se converteram em índios genéricos, sem língua nem cultura próprias, e sem identidade cultural específica. A eles se juntaram, mais tarde, grandes massas de mestiços, gestados por brancos em mulheres indígenas, que também não sendo índios nem chegando a europeus, e falando tupi, se dissolveram na condição de caboclos.

Conforme RIBEIRO (1995) o processo de valorização da borracha e a conseqüente vinda de outros grupos sociais fizeram com que os caboclos perdessem *“sua língua própria, adotando o português, embora mantivessem a consciência de sua identidade diferenciada e o seu modo de vida de povo da floresta”*.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1984) avaliou em sua obra Raízes do Brasil que:

*a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. As conseqüências parecem ser percebidas na exata medida em que a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida (...). Desta forma, de lá (da Península Ibérica) nos veio a forma atual de nossa cultura.*

GILBERTO FREYRE (1964) é considerado um inovador por seus estudos em antropologia social e sociologia histórica. Casa Grande & Senzala marcou a transição da sociedade brasileira, além de ter provocado uma revolução cultural no Brasil.

Sua influência na formação do pensamento brasileiro é importantíssima, pois se preocupou em pensar as regionalidades e incluir a Amazônia neste processo a partir de 1960, ao escrever Brasis, Brasil, Brasília. Nessa ocasião disse: *“Nada de desprezarmos a Amazônia: sem um contacto com Manaus, Belém, a selva amazônica, ninguém pode considerar-se ou dizer-se completo em sua visão do Brasil”* (FREYRE, 1960).

Para LOUREIRO (2002) a perda da identidade cultural original do homem amazônico bem como suas referências de vida anteriores se diluiu ao longo de quatro séculos, causados pelos recorrentes choques culturais. Para ela, o homem hoje busca reconstruir *“uma nova identidade e uma nova forma de vida que lhe possibilitem harmonizar uma nova cultura com a conservação da natureza, os benefícios e o usufruto do progresso técnico-científico do mundo moderno”*.

É inegável que a conquista da Amazônia era essencialmente objeto de interesses econômicos por parte dos países europeus. Entretanto, as mudanças no que se refere ao contexto cultural são evidentes. Em sua análise, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1984) disse que

*a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências.*

A Amazônia passou a ser uma preocupação governamental a partir de 1930, na gestão de Getúlio Vargas. Para o governo getulista, esta era uma região onde se concentrava “um dos maiores problemas que a administração nacional” deveria enfrentar. [...] Tornava-se necessário acabar com o atraso em que vivia e, assim, “beneficiar” o “todo nacional”, fazendo-se necessária sua inclusão no “movimento de reconstrução nacional” (SANTOS FILHO, 1999).

Surgem assim, as idéias desenvolvimentistas para a região. Para BECKER (1982), a ocupação da Amazônia:

*resulta em penetração muito extensa em termos de área, mas com povoamento reduzido a linhas e pontos. Pontos representados pelos povoados implantados nas confluências estratégicas de transbordo da navegação fluvial, e linhas representadas pela ocupação esparsa ao longo dos rios que convergiam para um grande ponto: Belém, elo na cadeia de exportação para a metrópole. Sob influência da borracha, marcas mais profundas foram deixadas do que as decorrentes dos quatro séculos anteriores; implantou-se uma economia colonialista mais violenta, grandes desníveis econômicos e sociais se elaboraram na parca população que permaneceu na área, as terras foram apossadas em grande escala, embora não povoadas, e um processo de crescimento urbano se desencadeou em Belém e Manaus, centros que incharam com o refluxo da população após a decadência da borracha.*

Com a principal preocupação centrada nas defesas das fronteiras do Brasil, começaram a ser pensados planos de expansão e desenvolvimento da região. Entre 1952 e 1954, foi criada a *Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia*, a SPVEA. No governo Kubitschek, o asfaltamento da Belém Brasília e a construção de rodovias estaduais ampliaram os fluxos de migração em direção à Amazônia.

Neste momento, a migração nordestina passa a ser considerada prejudicial. Como explicou OLIVEIRA (1984):

*Com relação à ocupação demográfica, deixou-se de lado a questão da imigração nordestina. A partir de então, ela foi encarada como causadora de problemas na área e não mais como fator de desenvolvimento da Amazônia. Os imigrantes não eram “dotados de capital próprio”, eram considerados como tendo baixo nível de conhecimentos gerais e, por vezes, “viciados pela herança de um rudimentarismo técnico notório”, além de estabelecerem com os habitantes rurais da região “um mórbido regime de trocas de doenças”.*

No que diz respeito aos indígenas, estes foram grandemente prejudicados em sua cultura com a nova política de expansão e ocupação da região. Conforme KELLY; LONDON (1983) “com a destruição recente da floresta, destrói-se, ao mesmo tempo um habitat. A população autóctone sabia sobreviver e explorar em um espaço que progressivamente deixou de existir”.

De acordo com VALLE (2001) para se adequar à dinâmica do capitalismo, Manaus passou por um processo acentuado de mudanças. Nas décadas de 1970 e 1980, infraestrutura de transporte e comunicação são iniciados para dar continuidade ao projeto capitalista-industrial pensado para a região.

Segundo a autora:

*a transformação da paisagem amazônica no tempo é capturada pelo pensamento social que opõe pares na interpretação do processo histórico dos últimos três séculos: de uma cultura cabocla para uma cultura urbana; do ciclo extrativo para o ciclo dos incentivos; da transformação do seringueiro a operário; da Belle Époque à Zona Franca.*

A autora acima ainda explica que as conseqüências sociais da criação de Zona Franca nas décadas de 1970 e 1980 são várias: inchaço urbano, favelização, aumento da criminalidade e prostituição entre outras conseqüências. A nova cultura industrial-capitalista traz no seu bojo necessidade de mão-de-obra barata e desqualificada, o que faz com que o fluxo migratório para Manaus seja intenso, aumentando as mazelas sociais já instaladas na cidade, fazendo com que o êxodo rural nos municípios amazonenses se intensifique e modifique a forma e as relações de trabalho até então existentes, distanciando ainda mais a cultura e a identidade original amazônica.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este breve estudo objetivou mostrar que as perdas na identidade cultural amazônica foram intensas desde a chegada dos primeiros estrangeiros. As particularidades da região se estendem à sua cultura original: indígena, rica, tradicional, singular, que com o constante processo de contato com outras culturas, foi perdendo ao longo do tempo suas características e internalizando outras tantas.

A vinda de povos diversos em diferentes momentos históricos acabou por constituir na região uma profusão de hábitos e costumes que, misturados com as práticas nativas, fizeram da Amazônia um mosaico de culturas que mexem com o imaginário e despertam a curiosidade de estudiosos e pessoas do mundo inteiro.

Não houve, na realização deste artigo, a pretensão de vitimizar os povos amazônicos, mas sim, fazer uma descrição de como, no decorrer da história, foi construída a sociedade e sua cultura. Se foi uma construção ou (des)construção de identidade sociocultural vai depender da perspectiva dos olhares que se voltam para a região.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, M. **A Esfinge do III Milênio**. Manaus: Metro Cúbico, Suframa, 1983.

BATISTA, D. **Amazônia, cultura e sociedade**. Manaus, AM: Valer. Coleção Poranduba, 2002.

BECKER, B.K. **Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BEZERRA NETO, J.M. **José Veríssimo: social thought and ethnography in the Amazon (1877-1915)**. Dados, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 19 Mai 2008.

BOMFIM, M. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993 [1905].

CUNHA, E. **Amazônia – Um Paraíso Perdido**. Manaus, AM: Valer, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, 382 p.

\_\_\_\_\_. **À margem da história**. 1909. Disponível em <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/margem.html>> Acesso em 31 mai 2010

FREYRE, G. **A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia**. Rio de Janeiro, SPVEA, 1964, 45 p.

\_\_\_\_\_. **Brasília, Brasis, Brasil**. 1. ed., Rio de Janeiro: Livros do Brasil, 1960.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

KELLY, B.; LONDON, M. **Amazônia: um grito de alerta**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Revista Estudos Avançados**, vol. 16, n. 45, São Paulo, mai/ago 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>? Acesso em 17 out 2010.

OLIVEIRA, A. U. O modo capitalista de pensar e suas “soluções desenvolvimentistas” para os desequilíbrios regionais no Brasil: reflexões iniciais. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n.3, pp. 21-36, 1984.

PINTO, E. R. F. A viagem das idéias. **Revista Estudos Avançados**, vol.19, n. 53, São Paulo, 2005.

RAMON, I. V. M. **A Amazônia e o Pacífico em Euclides da Cunha: no centro da história**. Araraquara, 2005. 105 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Departamento de Política – Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual Paulista.

REIS, A. C. F. **O homem e a natureza na Amazônia**. Secretaria de Imprensa e Divulgação, Manaus, AM, 1966.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 1995.

SANTOS FILHO, J. R. **A instituição imaginária da Amazônia Brasileira – Registros cognitivos e práticas sociais**. 1999. Disponível em

<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/reis1.pdf>  
Acesso em 30 set 2010.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil (1870/1930)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, T. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VALLE, I. **O mundo do trabalho em transformação: os anos 90 e o trabalho industrial na Zona Franca de Manaus**. In: Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Sônia Torres (org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

VENTURA, R. **O Brasil Não É Longe Daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.